

COMO MANTER E DESENVOLVER O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA:

SUGESTÕES PARA QUEM MORA FORA DO BRASIL


CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM MIAMI



Ivian Destro Boruchowski
Ana Lúcia Lico

**COMO MANTER E
DESENVOLVER O
PORTUGUÊS COMO
LÍNGUA DE HERANÇA:**

SUGESTÕES PARA QUEM MORA FORA DO BRASIL

**Como manter e desenvolver o português como
língua de herança: sugestões para quem mora fora do
Brasil**

Organização: Ivian Destro Boruchowski

Autoria: Ivian Destro Boruchowski e Ana Lúcia Lico

Revisão: Gláucia Silva

Apresentação	5
Introdução	7
Capítulos	
1. O que é uma língua de herança?	9
2. O que são falantes de herança?	11
3. Mitos sobre o bilinguismo infantil	13
4. Fatores que determinam o desenvolvimento de uma língua de herança	17
5. O que se leva na mala quando uma família deixa o Brasil?	19
6. Construir uma identidade cultural na língua de herança	23
7. Como organizar um programa comunitário de PLH	25
8. Diretrizes para um curso de Português como Língua de Herança	31
Conclusão	33
Referências	34
Sobre as autoras	36

*Aos nossos filhos e às demais famílias que vivem entre
línguas.*

*Agradecemos imensamente o apoio do
Cônsul-Geral, Embaixador Hélio Vitor Ramos Filho,
e dos funcionários do Consulado-Geral do Brasil em Miami.*



Apresentação

Embaixador Hélio Vitor Ramos Filho
Cônsul-Geral do Brasil em Miami

Desde o início de minha missão à frente do Consulado-Geral em Miami, a educação tem sido prioridade, com vistas a fortalecer o ensino da língua portuguesa tanto para falantes de herança, quanto para estrangeiros. Considero fundamental permitir que a nova geração de crianças brasileiras nascidas no exterior ou emigradas em tenra idade tenha acesso a nosso idioma e nossa cultura, reforçando assim os laços com a pátria.

Durante minha gestão, uma de minhas maiores alegrias foi assim acompanhar de perto a evolução do ensino do português na Flórida. Tive a oportunidade de presenciar crianças cantando o hino nacional ou fazendo apresentações que valorizam nossas raízes e tradições em eventos nas duas escolas bilíngues da cidade: Ada Merritt K-8 Center e Downtown Doral Charter Elementary School. O Consulado-Geral orgulha-se de prestar a essas escolas todo o apoio a nosso alcance para suas atividades.

Como declamava Olavo Bilac (1865 – 1918): “A pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo”. A língua constitui assim elemento fundador e fulcral da cultura, pois traz em seu bojo nossas origens, história e esperança no futuro.

Meu imenso apreço ao belíssimo trabalho desenvolvido pela professora Ivian Destro Boruchowski, em co-autoria com as professoras Ana Lúcia Lico e Gláucia Silva. Todas comprometidas com a promoção do português como língua de herança nos Estados Unidos, realizando projetos nas comunidades, instituições de ensino e, principalmente, com as famílias brasileiras, conscientizando os pais para a importância da educação bilíngue.

Agradeço vivamente a Francisco Ruiz e Antonio Carbonari Netto pelo apoio inestimável para a publicação deste valioso livro

para a comunidade brasileira na Flórida e nos EUA. Francisco Ruiz tem sido colaborador emérito e generoso dos projetos do Consulado-Geral; e Antonio Carbonari Netto, entusiasta que tem dedicado toda sua vida à educação, pousa agora na Flórida para agregar, com paixão, o lábaro verde e amarelo ao ensino universitário local.

Introdução

Gláucia Silva
Universidade de Massachusetts Dartmouth

As famílias brasileiras que vivem no exterior muitas vezes se deparam com as seguintes questões: deve-se ensinar português aos filhos? Ou seria melhor que eles aprendessem apenas a(s) língua(s) do outro país? Essas questões são importantes e estão no centro de um campo de estudo relativamente novo: o português como língua de herança. Se o campo de estudo é recente, a situação não é, e muitas famílias gostariam de ter (ou ter tido) acesso a algum recurso que as ajudasse a trilhar o caminho linguístico de quem vive no exterior. Este livro atende às necessidades dessas famílias.

Neste texto, Ivian Destro Boruchowski e Ana Lúcia Lico (que, juntas, têm mais de 15 anos de experiência com o português como língua de herança) proporcionam sugestões e respostas a várias questões enfrentadas por famílias que vivem em países onde o português não é a língua majoritária. As autoras começam explicando o que é uma língua de herança e quem são os falantes dessa variedade linguística. Em seguida, discutem mitos comuns a respeito do bilinguismo—que, ressalte-se, não passam de mitos propagados por falta de acesso à informação relevante. O desenvolvimento de uma língua de herança e o importante papel da família nesse desenvolvimento são os temas abordados posteriormente. Sendo parte de uma família brasileira, mas vivendo em outro país, é natural que as crianças sejam expostas a mais de uma cultura. Assim, as autoras discutem a seguir as questões relativas ao multiculturalismo. Naturalmente, a manutenção da língua portuguesa e da cultura brasileira envolve mais do que a família imediata. Portanto, são oferecidas sugestões para que se organize uma escola comunitária e para que se monte um possível currículo de um curso de português como língua de herança. Para terminar, as autoras discutem como os professores e coordenadores de uma escola comunitária podem se preparar para o fascinante desafio

que é transmitir a sua língua e a sua cultura a crianças que vivem fora do Brasil.

Como pesquisadora do campo de português como língua de herança, sei que este livro é essencial para as famílias que lidam constantemente com perguntas e dificuldades relativas a posicionamentos linguísticos. Não tenho dúvidas de que as leitoras e os leitores concordarão comigo.

Capítulo 1

O que é uma língua de herança?

Ivian Destro Boruchowski

Uma língua de herança é aquela utilizada com restrições (limitada a um grupo social ou ao ambiente familiar) e que convive com outra(s) língua(s) que circula(m) em outros setores, instituições e mídias da sociedade em que se vive. O português é uma língua de herança para os filhos de brasileiros que moram no exterior. Os falantes de herança imigraram ou nasceram no exterior e mantêm alguma relação com a língua da família. Os falantes de herança podem apresentar habilidades variadas, desde apenas entenderem essa língua, até mostrarem domínio da oralidade, compreensão, leitura e escrita (Valdés, 1995).

Muitas famílias questionam-se sobre o que fazer para manter e desenvolver uma língua de herança. Para muitos, é uma questão de identidade, de preservação de laços com a família distante, como também de oportunidades futuras.

O bilinguismo infantil, na situação de manutenção da língua de herança, é primeiramente uma escolha dos responsáveis. A família precisa esforçar-se para a manutenção dessa língua minoritária. É importante informar-se sobre os mitos relativos ao bilinguismo e participar ativamente na comunidade em que se vive (governo, professores, escola, parentes próximos e distantes, amigos, etc.), para romper com mitos e valorizar a língua de herança na comunidade.

Ao decidir pela manutenção e desenvolvimento do português como língua de herança, recomendamos aos adultos adotarem uma política linguística familiar que seja adequada a sua rotina. Isso significa que a família deve sistematizar o uso do português em casa de forma coerente. Vejamos algumas formas de estabelecer uma política linguística:

- cada responsável falará a sua língua nativa com a criança;

- todos os dias, durante o jantar, todos falarão português;
- dentro de casa só se fala português;
- com os adultos só se fala português, etc.

O importante é que a família mantenha um sistema coerente e que todos o sigam. As pesquisas indicam que a forma mais eficiente para a manutenção e o desenvolvimento da(s) língua(s) de herança é os adultos a utilizarem sempre dentro de casa com seus filhos (Grosjean, 2010). No entanto, cada família deve discutir e criar uma política que mais lhe convenha.

Capítulo 2

O que são falantes de herança?

Ivian Destro Boruchowski

Falantes de herança são diferentes de falantes nativos e de falantes estrangeiros. Os falantes estrangeiros são aqueles que aprendem uma língua com a qual não têm nenhum vínculo. Já os falantes nativos adquirem uma língua usada em sua família e na sociedade. Eles recebem amplo acesso e têm ampla necessidade de uso dessa língua em diferentes situações sociais. Além disso, os falantes nativos recebem instrução escolar nessa língua.

Os falantes de herança são aqueles que, apesar de terem algum vínculo com essa língua, eles têm oportunidades restritas de acesso e uso. Uma língua de herança é utilizada no ambiente familiar e/ou em uma comunidade pequena. Isso pode acontecer porque a criança nasceu em um país onde o português não é a língua dominante na sociedade, ou porque a criança imigrou antes de atingir o período crítico de aquisição da língua, o que aqui se considera a puberdade (Montrul, 2010).

Como foi observado, os falantes de herança estão expostos e usam a língua da família em contextos limitados. Esses falantes são muito diferentes entre si em relação ao grau de desenvolvimento de suas habilidades linguísticas: alguns falam, entendem, leem e escrevem; outros apenas entendem, não falam; outros entendem e falam com alguma dificuldade; etc. (Valdés, 1995).

É muito comum os/as falantes de herança aprenderem o vocabulário utilizado no ambiente familiar e, quando não desenvolvem as habilidades linguísticas para além disso, sentem-se desconfortáveis em usar essa língua em outras situações. Os pesquisadores atualmente entendem que há aspectos da língua que precisam de maior e constante acesso e uso para serem adquiridos (Montrul, 2010). Consequentemente, para que os falantes de herança desenvolvam a língua de forma mais complexa, o empenho

das famílias é fundamental. A família precisa esforçar-se para que eles possam falar sobre assuntos diferentes, em situações diversas e para que ganhem fluência na leitura e na escrita. Geralmente, essas habilidades são desenvolvidas com alguma instrução.

Após iniciar a imersão escolar na língua majoritária, observa-se uma tendência à diminuição do uso da língua herança (Carreira & Kagan, 2011). A língua da família, no caso o português variante brasileira, passa a ser menos utilizada pela criança e torna-se a “língua fraca”. Essa perda linguística se acelera quando os pais acreditam que falando inglês com seus filhos ajudarão no bom desempenho deles na escola.

É importante saber que as pesquisas mostram o oposto: o fato de os pais usarem com seus filhos a língua predominante na sociedade não garante que eles tenham melhor desempenho escolar, no entanto isso contribui para que os falantes de herança percam a língua da família (Beeman e Urow, 2013). Além disso, hoje em dia acredita-se que há muitas vantagens cognitivas e sociais em se tornar um bilíngue com habilidades avançadas.

Capítulo 3

Mitos sobre o bilinguismo infantil

Ivian Destro Boruchowski

Gláucia Silva

É comum que famílias brasileiras que imigraram convivam com dúvidas sobre como criar seus filhos para que sejam bilíngues. Nesse contexto, é muito importante conhecer os mitos sobre o bilinguismo infantil e os argumentos para combatê-los. Dessa forma é possível proteger a família de preconceitos ou de conselhos que ignoram os dados das pesquisas científicas das últimas décadas. Vejamos alguns mitos e como combatê-los:

1. Expor as crianças a uma língua de herança terá um efeito negativo na aquisição da língua utilizada na escola. Ou Expor a criança a duas ou mais línguas desde o nascimento causará algum atraso em seu desenvolvimento.

As pesquisas científicas não confirmam isso. Consequentemente, não há relação de atraso no desenvolvimento linguístico devido ao fato de uma criança ser bilíngue. Pelo contrário, as pesquisas mais atuais indicam que pessoas que desenvolvem bem suas habilidades em duas línguas, com o passar do tempo, têm maior facilidade em desempenhar certas tarefas. Como por exemplo, ter maior consciência sobre a estrutura das línguas e ter maior rapidez em situações que envolvam a capacidade de resolver problemas (Bialystock, 2007).

2. As crianças devem primeiro ser alfabetizadas na língua da escola para depois iniciarem a alfabetização na língua de herança.

Pelo contrário, as pesquisas indicam que quanto mais forte e mais desenvolvida a língua de herança, melhor será o desenvolvimento na língua da escola (Beeman e Urow, 2013). Na realidade, quando as línguas compartilham certas estruturas e o mesmo alfabeto, como por exemplo o português e o inglês, as crianças transferem

habilidades de uma língua para outra, o que ajuda no processo de alfabetização.

3. Pessoas bilíngues falam sem sotaque.

É muito mais comum encontrar pessoas bilíngues que têm sotaque. É importante entender que ter ou não um sotaque não determina a habilidade linguística de uma pessoa. Falantes de herança podem falar português com sotaque ou não, dependendo de sua história com a língua. O importante é que sejam capazes de se comunicar.

Muitas pesquisas sobre o inglês como segunda língua comprovam que as pessoas conseguem se comunicar com muita eficiência mesmo tendo uma influência muito marcada da sonoridade de sua primeira língua. A eficiência da comunicação não está ligada ao sotaque, mas à estrutura gramatical, à objetividade, ao domínio do vocabulário, à fluência, entre outros aspectos.

4. Um/a falante que sabe bem uma língua nunca usa a outra ao mesmo tempo.

Entre bilíngues, é comum a alternância de códigos (code switching), ou seja, usar duas (ou mais) línguas ao mesmo tempo. Um/a falante de herança pode passar de uma língua a outra em enunciados diferentes ou até mesmo no meio de uma frase, ou inserir palavras ou “pedaços” de uma língua quando está falando a outra. Essa alternância não significa que o/a falante não seja fluente, pelo contrário: o que isso sinaliza é que o/a falante se sente à vontade com os dois (ou mais) códigos e, portanto, passa de um a outro com facilidade para tornar eficiente a comunicação. Como ressalta Carvalho (2012), o code switching faz parte da proficiência e da identidade linguística dos falantes de herança. Embora se deva incentivar o uso da língua de herança (no nosso caso, o português), não se deve reprimir as ocorrências de code switching, que simplesmente demonstram a fluência da criança em duas (ou mais) línguas.

5. Uma criança deve ser exposta, no máximo, a duas línguas.

Não há limite do número de línguas a que uma criança pode ser exposta. O importante é avaliar a quantidade e a qualidade da exposição para a manutenção e o desenvolvimento das línguas

escolhidas.

6. Crianças criadas na mesma família desenvolverão um mesmo nível de proficiência como falantes de herança.

Não se deve esperar que os filhos tenham as mesmas habilidades linguísticas. Cada um desenvolverá um percurso próprio de aprendizado. Lembremos que a manutenção e o desenvolvimento da língua de herança também estão relacionados ao valor que a família e a comunidade dão para essa língua. Os fatores determinantes são a necessidade de uso, bem como o tempo e a qualidade de exposição a que o falante tem acesso. É a necessidade de interação com as pessoas no cotidiano (falar, brincar, cantar, ouvir, ler, contar, etc.) que determinará a manutenção e o desenvolvimento de uma língua.

7. Ser bilíngue é ter igual fluência em duas ou mais línguas.

É raro encontrar uma pessoa que tenha igual fluência em duas ou mais línguas. O conhecimento de uma língua está ligado à história de vida das pessoas. Outro aspecto a ser considerado é que, geralmente, desenvolvemos habilidades em domínios linguísticos diferentes em cada língua que conhecemos. Um exemplo disso é o bilinguismo do falante de herança típico. Geralmente essa pessoa tem conhecimento do vocabulário de uso cotidiano nas circunstâncias familiares, mas encontra dificuldade para utilizar a língua numa circunstância formal ou para discutir um assunto específico.

8. Verdadeiros bilíngues adquiriram duas ou mais línguas na infância.

As crianças podem ser educadas para serem bilíngues. No entanto, se elas não utilizam as línguas a que foram expostas, podem passar pelo processo de esquecimento e de perda linguística. É importante lembrar que não é preciso aprender uma língua desde criança para adquirir conhecimentos suficientes para utilizá-la cotidianamente. Os jovens e adultos também adquirem competência suficiente para se comunicarem em uma língua estrangeira. O aprendizado de uma língua depende de vários fatores como tempo de exposição cotidiana, tipo de exposição, motivação e necessidade de uso.



Capítulo 4

Fatores que determinam o desenvolvimento de uma língua de herança

Ivian Destro Boruchowski

A família que decidiu se empenhar para manter e desenvolver o português como língua de herança pode perguntar-se: quais seriam os fatores determinantes para o desenvolvimento dessa língua? Vejamos o que o professor emérito de bilinguismo, François Grosjean, escreveu:

Para a manutenção de uma língua é preciso atentar para alguns fatores: primeiro, à quantidade de exposição às línguas que queremos transmitir e manter; segundo, à necessidade do uso delas; terceiro, à natureza dos recursos que utilizamos para essa transmissão e manutenção; quarto, a como a família age em relação à língua de herança; e, quinto, ao valor que dada língua de herança tem na comunidade em que se vive (Grosjean, 2010 – tradução minha).

Para o desenvolvimento da fala, é muito importante que o jovem ou a criança tenham oportunidades de interação ativa, isto é, em que ele/ela seja o sujeito que produza linguagem. Então, as famílias devem atentar para:

1. A frequência e a qualidade de acesso e de uso da língua;
2. Como os familiares interagem entre si, isto é, que política linguística a família adotou;
3. A idade em que a língua dominante na sociedade torna-se predominante na vida da criança;
4. O valor e o status da língua de herança na sociedade em que se vive;

5. A possibilidade de participar de uma comunidade de falantes (eventos, brincadeiras na casa de um amigo que fala português, falar com pessoas nativas por redes sociais, etc.);

6. O acesso à educação formal (escolas comunitárias de línguas de herança, escolas bilíngues, aulas particulares, etc.).

Nesse contexto, lembremos que as interações linguísticas podem ser mais ativas ou mais passivas. Recomenda-se que as famílias privilegiem atividades diárias distintas, principalmente aquelas em que as crianças assumam uma posição ativa na comunicação. Há inúmeras situações de uso da língua, entre elas:

1) Formas de interação ativa:

- a) conversar com alguém (ouvir e responder);
- b) ler ou ouvir e ter que recontar; ler ou ouvir e ter que discutir;
- c) cantar músicas;
- d) falar com a família distante: narrar e descrever as ações diárias e acontecimentos;
- e) brincar com alguém;
- f) jogos que requeiram construção de palavras ou histórias; etc.

2) Formas de interação passiva:

- a) ouvir músicas ou histórias;
- b) assistir à televisão, DVDs, etc.

Lembremos que as crianças são pragmáticas: o aprendizado e a manutenção de uma língua de herança deve se dar por meio de situações reais de interação. Para aprender uma língua é necessário que a criança tenha quantidade e qualidade de exposição e que ela participe de atividades como sujeito ativo que produz sentido.

Capítulo 5

O que se leva na mala quando se deixa o Brasil?

Ana Lúcia Lico

Toda vez que se planeja uma viagem, arruma-se as malas respondendo a perguntas como, por exemplo, quais documentos pessoais serão necessários, como estará o tempo no local de destino, e tantas outras. Decide-se o que levar com base em escolhas feitas: um casaco para o caso de fazer frio, aquele remédio para febre ou dor de cabeça, a agenda de contatos... mas e quando essas malas são de mudança, sem data certa de voltar, se voltar? Inclui-se mais roupas e sapatos, alguns medicamentos essenciais, certos itens que não se quer deixar para trás, como o perfume preferido, algo para ler nas horas vagas, um presentinho especial que os amigos deram na despedida. Será suficiente?

Quando se chega para morar em outro país, com o tempo, percebe-se que há muitos itens nem sempre planejados para estar na mala, mas que são parte da bagagem: a maneira de ser, pensar e agir, de se relacionar com as pessoas à nossa volta. Tudo isso compõe um conjunto de referências e valores, presente em cada gesto ou comunicação, diretamente ligado à essência e à identidade de cada um, constituindo um patrimônio valioso muitas vezes não reconhecido como tal.

Crises de identidade, revisão de valores, novas prioridades, até rejeição da vida que se levava no Brasil. Pode-se experimentar um pouco de tudo na condição de imigrante, inclusive questionar-se o quão distante se está de sua brasilidade. A forma como pais e mães percebem e respondem a essas situações terá grande impacto em como demonstram suas origens e em como vão ensinar os filhos a valorizá-las.

A maneira que indivíduos ou famílias brasileiras encontram para se adaptar quando moram em outro país terá efeito direto na

manutenção ou transmissão do valor da língua portuguesa e da cultura brasileira dentro da família. (Lico, 2015)

Para aqueles que têm orgulho de sua história, difícil ou bem-sucedida, para os que procuram alimentar suas raízes como parte integrante de sua identidade, independentemente da sua condição socioeconômica, a língua permanece como elemento de conexão consigo mesmo. É também um elemento de proximidade com a família e amigos e de relacionamento em todos os ambientes possíveis, ainda que respeitem e vivam de forma integrada com a sociedade que os recebeu.

Para aqueles distanciados de sua brasilidade, para aqueles que colecionaram mais medos e sofrimentos do que perspectivas ou alegrias, ou mesmo para aqueles que se deixaram levar pela imagem idealizada de que o país de destino tem mais prestígio e seria superior ao Brasil em tudo, para esses grupos a língua materna corre o risco de enfraquecer gradualmente e, com frequência, dá lugar a uma mistura que privilegia elementos linguístico-culturais do país local.

Para se manter viva a língua nativa no seio familiar, é preciso que ela esteja viva dentro de cada um (Raguenaud, 2009). Conexões com familiares no Brasil e a proximidade com o 'ser brasileiro' só vão acontecer se o processo de alimentação desse vínculo for contínuo, e as sementes bem cultivadas e nutridas constantemente, tanto para adultos quanto para crianças.

Toda família que reconhece o valor de sua bagagem sociocultural, e respeita e valoriza sua própria identidade, consegue com menos dificuldade estabelecer sistemas de convivência e fluxos de aprendizado que se renovam com os diferentes estágios de crescimento e desenvolvimento dos filhos.

Mesmo para aqueles que nunca ou raramente viajam ao Brasil é possível promover esse cultivo e convivência contínuos, especialmente com os avanços da tecnologia hoje em dia. Algumas formas para cultivar esse vínculo seriam: procurar grupos de pessoas ou de mães que falam português e celebram as mesmas festas; participar em família de eventos comemorativos em datas especiais; reunir a família em torno de álbuns de fotografias; interagir com avós e parentes no Brasil e pedir que compartilhem,

oralmente ou por escrito, situações e memórias da infância que podem se tornar poderosos instrumentos de contação de histórias. Dessa maneira, pode-se manter a língua e a cultura vivas para que a próxima geração compreenda as suas próprias raízes e possa relacionar-se com sua herança com mais significado.



Capítulo 6

Construir uma identidade cultural na língua de herança

Ivian Destro Boruchowski

O empenho da família para que as crianças e os jovens mantenham e desenvolvam sua(s) língua(s) de herança(s) não ocorre simplesmente porque será bom, no futuro, ser bilíngue. Geralmente, esse esforço se dá, principalmente, porque essa língua representa uma ligação afetiva e cultural que se expressa no espaço da família e de uma pequena comunidade.

Pode-se observar que, inicialmente, os aprendizes de herança não entendem muito bem sua relação com a língua portuguesa e não se sentem participantes dela. Por exemplo, algumas crianças que não nasceram no Brasil podem expressar um estranhamento ao fato de terem o direito a serem e se sentirem brasileiros porque tenham nascido e morem em outro lugar.

No mundo contemporâneo, acredita-se que as identidades compõem-se a partir de discursos de pertencimentos que as pessoas criam sobre si de forma a se identificarem com alguns grupos sociais. Esses discursos são transitórios, isto é, modificam-se ao longo da vida, e múltiplos, ou seja, uma pessoa pode se colocar como pertencendo a vários grupos (Hall & Gay, 1996). A partir dessa ideia, para que as crianças e jovens criem uma relação de pertencimento afetiva e cultural com sua língua de herança, necessitam participar e experimentar situações em que não apenas usem a língua, mas vivenciem sua cultura.

Além disso, é importante que a família valorize uma abordagem intercultural (Mendes, 2008) ao incentivar pontos de encontros e de diferenças entre as línguas e culturas com as quais se convive para afirmar, valorizar e acomodar a ideia de um múltiplo pertencimento. Dessa forma, fazer parte de uma língua-cultura não exclui a construção de identidades em outras.

Melo-Pfeifer e Schmidt (2014) observaram muito adequadamente que no atual contexto de mobilidade imigratória, crianças e jovens desenvolverão cada vez mais uma competência plurilíngue em que identidades e línguas (de herança, primeira, segunda e estrangeira) se intercambiam e se influenciam. As crianças e jovens devem ser preparados para participarem de um enredo social múltiplo e se sentirem confortáveis nele.

Capítulo 7

Como organizar um programa comunitário de Português como Língua de Herança (PLH)

Ana Lúcia Lico

Seja para procurar apoio, buscar informações ou mesmo para sentir-se menos isolados, é muito comum imigrantes procurarem se aproximar de pessoas vivendo situações semelhantes. A possibilidade de união e de convívio em uma comunidade que compartilha as mesmas origens tem se mostrado muito saudável social, cultural e psicologicamente, tanto para adultos quanto para crianças (Raguenaud, 2009).

Em muitas cidades e regiões há grupos de brasileiros organizados em associações ou iniciativas, comunitárias ou empresariais, fáceis de encontrar via internet. Nos locais em que não houver tal mobilização, um bom ponto de partida para conseguir identificar se há e onde estão os brasileiros da região é entrar em contato com o Consulado Geral do Brasil da respectiva jurisdição e, onde houver, o Conselho de Cidadãos ou Cidadania (Ministério das Relações Exteriores, 2014).

Dentre as informações mais requisitadas por brasileiros imigrantes no período em que estão se estabelecendo numa nova cidade destaca-se a procura por programas ou escolas que oferecem atividades educativo-culturais em português para crianças. Mesmo onde não há iniciativas estruturadas com esse propósito, pode-se começar com ações simples, que dão pouco trabalho e quase nenhuma despesa, e não exigem muita mobilização. Basta começar com um piquenique no parque num fim de semana ou uma visita especial à biblioteca mais próxima para fazer uma sessão de contação de histórias entre mães e filhos. Mas se houver pessoas interessadas em construir algo mais estruturado e rotineiro, é importante unir esforços para que a mobilização seja conjunta, evitar pressa para não começar ‘de qualquer jeito’ e dedicar um certo tempo à etapa de análise e planejamento dos diversos fatores que contribuem para um programa ter mais chances de sucesso.

Para começar o próprio programa ou uma escola comunitária de PLH

A título de proporcionar uma orientação inicial para os interessados em estabelecer um programa ou uma escola, aqui está um roteiro com os principais pontos a serem levados em consideração para análise e planejamento do projeto. Este roteiro não tem a pretensão de ser completo ou abranger todos os aspectos que são necessários para o sucesso de escolas comunitárias de PLH, mas procura retratar de forma resumida temas essenciais para que um programa ou iniciativa comece de forma responsável e com mais chances de sucesso. Este trabalho foi elaborado com base em experiências práticas de algumas organizações dos Estados Unidos, em especial a ABRACE (Associação Brasileira de Cultura e Educação), que teve início em 2005 na região metropolitana de Washington, D.C., e em alguns projetos de pesquisa. Esses pontos não devem ser considerados ou discutidos de uma vez só, assim como não precisam ser tratados com o mesmo nível de detalhamento logo no início. O que priorizar nessa análise e que direcionamento dar a partir de seus resultados são decisões a tomar pela equipe engajada em implementar o projeto, a partir de um cronograma de ações de curto, médio e longo prazos.

Roteiro para orientar a criação de programas de PLH

Ao utilizar esse roteiro, cada um deve avaliar a necessidade de responder às perguntas de maneira formal (pesquisa ou questionário) ou informal (reuniões, encontros de bate papo). A recomendação é que os itens 1 a 6 sejam analisados e desenvolvidos antes do início formal das atividades em nome do grupo. Os itens 7 a 10 podem ser trabalhados gradativamente no decorrer da implementação do projeto, desmembrados de acordo com a realidade e a disponibilidade de recursos humanos e financeiros de cada região, mas devem ser mantidos no horizonte de planejamento para garantir a continuidade da iniciativa de forma responsável e sustentável.

1. Ambiente e contexto: onde estamos, onde queremos chegar e planejamento
 - a. Há uma demanda da comunidade local (cidade ou região) para um programa estruturado para ensinar língua-cultura

para crianças?

- b. Quais são as expectativas das famílias? Por que uma iniciativa ou um programa de ensino de língua-cultura para crianças é importante para essa comunidade? (Identificar quais as motivações do grupo, como, por exemplo, investir prioritariamente na competência acadêmica dos alunos, criar mais oportunidades para as crianças brincarem e conviverem em português, estar mais próximos de pessoas que compartilhem suas origens, entre outras?).
 - c. Quais os perfis predominantes na comunidade brasileira local? (Para conhecer um pouco da rotina das famílias e identificar áreas de atuação profissional mais comuns no grupo).
2. Público-alvo (para quem)?
 - a. Quem seriam os participantes do programa?
 - i. Atividades para crianças (idades, disponibilidade, perfil familiar);
 - ii. Atividades para adultos (expectativa, disponibilidade, perfil profissional e migratório).
 3. Estrutura do programa (o quê)?
 - a. Que modelo de programa adotar?
 - b. Que parâmetros de qualidade usar?
 - c. Estabelecimento do currículo:
 - i. O que se pretende realizar?
 - ii. O que se espera alcançar?
 4. Equipe de profissionais (com quem)?
 - a. Quem seriam os educadores/facilitadores?
 - b. Quem seriam as pessoas para a equipe de gerenciamento do programa? (etapas de planejamento, realização, avaliação)
 - c. Quem seriam as pessoas para a equipe das áreas de apoio ao programa? (por ex., contabilidade, compra de materiais, relatórios)
 5. Quando e onde?
 - a. Periodicidade e horários (disponibilidade de alunos,

- famílias, educadores);
- b. Opções de local (de acordo com horário, facilidade de acesso, viabilidade de custo).
6. Identificação do grupo e próximos passos
 - a. Compilação e análise dos dados obtidos nos itens 1 a 5;
 - b. Nome para o grupo, iniciativa ou programa;
 - c. Etapas para implementação: curto, médio e longo prazos;
 7. Viabilização – Administração e Finanças
 - a. Como obter recursos (financeiros, pessoais, pedagógicos/administrativos);
 - b. Exigências e limitações jurídicas:
 - i. abertura de empresa com ou sem fins lucrativos;
 - ii. contratação e remuneração de profissionais;
 - iii. locação de espaços (contrato, seguro);
 - iv. precificação de produtos e serviços;
 - v. outros.
 - c. Relatórios contábeis e financeiros;
 - d. Exigências de preparação e supervisão de profissionais que trabalham com crianças e jovens.
 8. Viabilização – Papel da Família e Papel da Comunidade:
 - a. Como engajar a família (direta e ampliada) na estrutura do programa;
 - b. Como engajar a comunidade na estrutura do programa.
 9. Viabilização – Comunicação, Parcerias e Captação de Recursos:
 - a. Parcerias com associações, escolas, outros programas;
 - b. Plano de ação de divulgação e informação geral sobre o programa;
 - c. Plano de ação de engajamento e integração da comunidade;
 - d. Plano de ação para atrair apoiadores, patrocinadores;
 - e. Plano de ação para comunicação constante com famílias-clientes.

10. Revisão e ajustes (de resultados e de planejamento):
 - a. Análise periódica de ações e resultados (com famílias, alunos, educadores);
 - b. Revisão do plano de ação;
 - c. Plano de continuidade e sustentabilidade:
 - i. Financeira
 - ii. Recursos Humanos
 - iii. Engajamento da comunidade

Com o roteiro em mãos, é importante que se defina quais itens serão prioritários, que se trace um cronograma para cada nível de prioridade, com divisão de tarefas entre os interessados no projeto. Quanto mais estruturado for o processo desde o início, com documentação arquivada e registro de informações obtidas e decisões tomadas, mais profissionalizada a gestão e, portanto, mais fácil será conseguir credibilidade e apoio à iniciativa.



Capítulo 8

Diretrizes para um curso de Português como Língua de Herança (PLH)

Ivian Destro Boruchowski

Desde que nasce, a criança inicia um processo de interação com os sistemas simbólicos sociais. A língua é um desses sistemas e seu uso implica em participar de diferentes tipos de situações e assumir diversas posições no ato comunicativo. A participação plena na sociedade depende, entre outros aspectos, do domínio que se tem sobre essas formas de se comunicar.

Um currículo para um curso de PLH deve propor atividades contextualizadas, em que os aprendizes percebam o sentido social das situações propostas (entrevistar alguém, recitar para alguém, escrever um bilhete, compor um livro, compartilhar histórias, etc.). Dessa forma, cria-se a oportunidade de explorar a diversidade cultural e linguística em diferentes interações e situações na(s) língua(s) de herança.

O princípio norteador é entender que uma língua-cultura é um sistema simbólico e social. Seu aprendizado não pode ser explorado de forma mecânica e por meio de exercícios de repetição. Ele pressupõe a participação das crianças como sujeitos desses sistemas.

Os aprendizes, desde muito cedo, têm o direito de conhecer e de interagir com um amplo repertório de textos verbais e não-verbais de suas línguas de herança. Para contemplar essa diversidade, os pais e professores podem explorar músicas, artes visuais, literatura, folclore, notícias, enfim, textos de diferentes gêneros e suportes. O importante é oferecer materiais que variem entre os registros formal e informal e que ampliem o repertório de insumo linguístico a que os aprendizes têm acesso diariamente.

Partindo dessas premissas, Boruchowski (2015) propôs

três diretrizes para o desenvolvimento de um currículo de PLH. A primeira é que o curso vise a criar relações de pertencimento na língua-cultura de herança; a segunda diretriz é que professores, coordenadores e diretores comprometam-se em garantir que se mantenha, desenvolva e expanda as habilidades dos aprendizes de compreender, falar, ler e escrever na língua de herança em diferentes contextos sociais; a terceira diretriz é trabalhar a língua e a cultura como conceitos indissociáveis.

O desenvolvimento de um currículo de PLH para uma escola comunitária depende de discussões e de acordos que os envolvidos na escola ou iniciativa estabelecem entre si para que diretrizes sejam seguidas. O currículo e a preparação das aulas podem ser desenvolvidos em várias etapas. Aqui, proponho algumas perguntas fundamentais que os professores de escolas comunitárias podem se fazer:

1. Quais as necessidades sociais e as expectativas gerais que essa comunidade mantém para seus aprendizes de língua de herança?
2. Que valores e concepções pedagógicas irão fundamentar as relações entre professores e alunos?
3. Quais as situações de interação social e as circunstâncias (formais ou informais) para as quais se espera preparar esses aprendizes para que eles sejam capazes de se comunicar efetivamente?
4. Que domínios de conhecimentos e conteúdos estão ligados a essas situações?
5. Que estratégias pedagógicas ou métodos são mais adequados para essa situação de ensino?
6. Que materiais serão elaborados durante as aulas?
7. Que instrumentos ajudarão a perceber o que os alunos aprenderam e em que momentos se deve observá-los?
8. Como avaliar que as expectativas de aprendizagem estejam adequadas a minha aula e o que devo modificar?

Conclusão

Ivian Destro Boruchowski

Ana Lúcia Lico

Manter e desenvolver as habilidades do português como língua de herança não se faz importante apenas porque o conhecimento de uma outra língua trará vantagens profissionais futuras, ou porque ser um bilíngue avançado traz benefícios cognitivos. No contexto das línguas de herança, ser capaz de se comunicar nessa língua é importante porque fundamentalmente amplifica o pertencimento familiar e cultural. Ao se apoderarem de sua língua-cultura de herança, os aprendizes estabelecem relações mais efetivas com seus familiares próximos e distantes.

Esse livro visa auxiliar famílias e líderes comunitários brasileiros que vivem no exterior. No entanto, é importante esclarecer que ele não pretende esgotar as possibilidades de atuação na área do português como língua de herança. Pelo contrário, ele se propõe a ser um texto básico que possa esclarecer algumas dúvidas e questões sobre o tema, mas principalmente, servir como um material inicial que agregue pessoas e inspire as comunidades brasileiras a discutirem e a se organizarem.

Trata-se de um convite para as pessoas pensarem juntas o espaço de sua cultura, de sua língua e de sua identidade e como tudo isso faz parte do que a família traz na mala e que se torna o seu legado imaterial. No novo “mundo” em que vive o imigrante, a criação de um lugar para suas raízes identitárias, culturais e linguísticas coloca-se como um lugar para a lembrança de que nós, brasileiros, temos mais coisas que nos unem do que coisas que nos separam. Mesmo morando longe de “casa”.

Referências

Beeman, K. & Urow, C. (2013). *Teaching for biliteracy: strengthening bridges between languages*. Caslon: PA.

Bialystok, E. (2007). Acquisition of Literacy in Bilingual Children: A Framework for Research. *Language Learning*, 57: 45-77. doi: 10.1111/j.1467-9922.2007.00412.x

Boruchowski, I. (2015). “Diretrizes e princípios norteadores para um currículo de língua de herança.” Em F. Jennings-Winterle e M. C. Lima-Fernandes (orgs.). *Português como língua de herança: A filosofia do começo, meio e fim* (pp. 162-175). Brasil em Mente: NY.

Carreira, M & Kagan, O. (2011). The results of the national heritage language survey: Implications for teaching, curriculum design, and professional development. *Foreign Language Annals*, 44(1), 40-64.

Carvalho, A. (2012). Code-switching: From theoretical to pedagogical considerations. Em S. M. Beaudrie e M. Fairclough (orgs.), *Spanish as a heritage language in the United States: The state of the field* (pp. 139-157). Georgetown University Press.

Grosjean, F. (2010). *Bilingual: Life and reality*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Hall, S., & Gay, P. (1996). *Questions of cultural identity*. London: Sage.

Lico, A. L. (2015). “Família e comunidade no processo de

ensino-aprendizagem de PLH: do começo ao fim.” Em F. Jennings-Winterle e M. C. Lima-Fernandes (orgs.). *Português como língua de herança: A filosofia do começo, meio e fim*. (pp. 216-228). Brasil em Mente: NY.

Melo-Pfeifer, S. & Schmidt, A. (2014). “Desenha-te a falar as línguas que conheces”: imagens de crianças luso(fono) descendentes na Alemanha acerca da sua Competência Plurilingue. Em Andrade, A. I.; Araújo e Sá, M. H.; Faneca, R. ; Martins, F.; Pinho, A. S. & Simões, A. R. (orgs.), *A diversidade linguística nos discursos e nas práticas de educação e formação* (pp. 159-182). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Mendes, E. (2008). Língua, cultura e formação de professores: Por uma abordagem de ensino intercultural. Em E. Mendes e M.L.S. Castro (orgs.). *Saberes em português: Ensino e formação docente*. (pp.57-78). Campinas: Pontes.

Ministério das Relações Exteriores. (2014). Brasileiros no mundo: Conselho de Cidadãos. Brasil.

<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/conselho-de-cidadaos>

Montrul, S. (2010). Current issues in heritage language acquisition. *Annual Review of Applied Linguistics*, 30, 3–23.

Raguenaud, V. (2009) *Bilingual by choice*. Boston, EUA: Nicholas Brealey Publishing.

Valdés, G. (1995). The teaching of minority languages as academic subjects: Pedagogical and theoretical challenges. *The Modern Language Journal*, 79(3), 299-328.

Sobre as autoras

Ivian Destro Boruchowski

Ivian Destro Boruchowski é mestre em educação, nasceu no Brasil e atualmente reside em Miami, EUA. É doutoranda em *Curriculum and Instruction*, pela *Florida International University*. Dedicou-se à pesquisa sobre educação bilíngue, especialmente sobre o ensino e o currículo em línguas de herança. Cursos de Letras e é bacharel em Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Trabalhou como professora de Literatura, autora de materiais didáticos e coordenadora pedagógica em São Paulo por 12 anos.

Entre outros trabalhos voluntários, participa do Comitê Pedagógico da ABRACE (Associação Brasileira de Cultura e Educação), escola comunitária de PLH em Washington, <http://abracesbrasil.org/>. É membro da Diretoria Consultiva da PIPA (*Portuguese International Parents Association*) em Miami, Flórida. Membro do Conselho Consultivo do *Portal do Professor de Português de Língua Estrangeira*, Brasil, <http://www.ppple.org/>. Membro da Diretoria Regional da *American Organization of Teachers of Portuguese*, EUA, <http://www.aotpsite.net/>. Contribui mensalmente sobre educação em línguas de herança para o website www.sala.org.br (Sociedade de Linguística Aplicada, Cultura Digital e Educação).

Ana Lúcia Lico

Com formação inicial na área da saúde, Ana Lúcia estudou Comunicação na ESPM de São Paulo e tem MBA em Gestão Estratégica pela USP. Residente nos EUA desde 2003, Ana Lúcia é casada com americano, tem um filho de 12 e um de 9 anos, participou da fundação do grupo Mães Brasileiras da Virgínia (MBV) em agosto de 2004, do lançamento do programa educativo

para crianças da região em 2005, e da fundação oficial da ABRACE em 2009. Nos últimos 11 anos, Ana Lúcia vem estudando e aprendendo muito sobre o ensino de língua-cultura e o campo de Língua de Herança, ao realizar projetos de liderança comunitária, oficinas para professores com a Georgetown University desde 2009, publicação de artigos e capítulos de livros sobre o tema, e organização de conferências com a American University e o CAL (Center for Applied Linguistics). Ana Lúcia é co-fundadora e Diretora Executiva da ABRACE, membro do Conselho de Cidadãos da jurisdição do Consulado de Washington, DC e membro do CRBE (Conselho dos Representantes dos Brasileiros no Exterior), onde é Coordenadora dos trabalhos de Educação. Em 2016 recebeu o Prêmio Itamaraty de Diplomacia Cultural, prêmio de reconhecimento a indivíduos residentes no exterior, cuja atuação tenha contribuído, de forma notável, para a diplomacia cultural ou educacional brasileira.

Gláucia Silva

Gláucia Silva é professora e atual diretora do Departamento de Português da Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA), onde também coordena os cursos de níveis iniciante e intermediário. É autora do livro *Word order in Brazilian Portuguese* (Mouton de Gruyter, 2001) e coautora de dois manuais de língua portuguesa: *Beginner's Brazilian Portuguese* (Hippocrene, 2011) e *Bons negócios: Português do Brasil para o mundo do trabalho* (Disal, 2013). A sua pesquisa atual gira em torno de vários aspectos relativos ao aprendizado de Português como língua de herança, tais como a percepção e a produção linguística e o desempenho em diferentes habilidades linguísticas.



APOIO:

